

CeNa

v. 44, nº 2, maio - ago 2026

Levantando Questões Sobre a Prática Artística na Maturidade e Práticas Adaptativas na Dança Canadense

Asking Questions About Mature Artistry and Adaptive Practices in Canadian Dance

Yomna ElGhazouly¹

<https://orcid.org/0000-0002-6535-9677>

Universidade de Calgary – UCalgary, Calgary/Alberta, Canadá

E-mail: yomna.elghazouly@ucalgary.ca

Heunjung Lee²

<https://orcid.org/0000-0002-7514-9892>

Universidade de Calgary – UCalgary, Calgary/Alberta, Canadá

E-mail: heunjung.lee@ucalgary.ca

Rebecca Barnstaple³

<https://orcid.org/0000-0001-7891-4054>

Universidade de Guelph – UGuelph, Guelph/Ontário, Canadá

E-mail: rbarnsta@uoguelph.ca

1 Yomna ElGhazouly: Doutoranda em Mídia e Design Computacional (UCalgary) e mestre em Engenharia Arquitetônica. Pesquisa o envelhecimento corporificado com métodos participativos, tendo desenvolvido o método SpaceScript. Publica regularmente em periódicos de design e estudos sobre o envelhecimento.

2 Heunjung Lee: Pós-doutoranda (SSHRC) em artes cênicas na UCalgary, dramaturgia e dançarina tradicional coreana. Investiga como práticas de performance podem combater o etarismo e o estigma da demência. É editora de revisão do periódico Theatre Research in Canada.

3 Rebecca Barnstaple: Professora Assistente de Artes Criativas, Saúde e Bem-Estar (UGuelph). É terapeuta da dança e possui PhD com foco em neurociência. Estuda os efeitos terapêuticos e cognitivos da improvisação em dança para idosos com demência e doença de Parkinson.

Cena

v. 44, nº 2, maio - ago 2026

Levantando Questões Sobre a Prática Artística na Maturidade e Práticas Adaptativas na Dança Canadense

Asking Questions About Mature Artistry and Adaptive Practices in Canadian Dance

Sarah J. Kenny⁴

<https://orcid.org/0000-0003-0596-3319>

Universidade de Calgary – UCalgary, Calgary/Alberta, Canadá

E-mail: kennys@ucalgary.ca

Pil Hansen⁵

<https://orcid.org/0000-0003-1831-1045>

Universidade de Calgary – UCalgary, Calgary, Canadá

E-mail: pil.hansen@ucalgary.ca

4 Sarah J. Kenny: Professora Associada nas Faculdades de Cinesiologia e Artes (UCalgary) e presidente da Healthy Dancer Canada. Sua pesquisa em ciência da dança foca na epidemiologia e prevenção de lesões, além da dança comunitária para sobreviventes de câncer e idosos.

5 Pil Hansen: Professora na Escola de Artes Criativas e Cênicas (UCalgary), dramaturga de dança e editora da série Expanded Dramaturgy (Routledge). Pesquisa acessibilidade e psicologia da performance, sendo autora da monografia Performance Generating Systems in Dance (2022).

Resumo: O envelhecimento na dança profissional merece uma reestruturação: em vez de tropos de declínio, os modos (re)generativos de investigação artística que os dançarinos maduros desenvolvem podem influenciar as percepções sobre o envelhecimento. Examinamos mais de cem publicações que incluem estudos nas áreas da dança, ciência da dança e educação em dança, e verificamos que dançarinos maduros incorporam inteligência adaptativa por meio de estratégias de improvisação e redistribuição, além de práticas focadas em *mindfulness*, expressão e espiritualidade. Ainda assim, as forças e o conhecimento especializado de dançarinos maduros não recebem o reconhecimento merecido devido ao etarismo difundido nas culturas de dança ocidentais. Nossa revisão de literatura interdisciplinar revela ausência de informações integradas sobre a prática artística e o conhecimento relacionado à saúde de dançarinos maduros, o que inclui desafios, forças e formas potenciais de apoio. Propomos uma estrutura participativa e transdisciplinar para o estudo do envelhecimento na dança que transcende as fronteiras entre o conhecimento artístico e científico, posicionando os dançarinos maduros como coprodutores de perguntas, métodos, interpretação de evidências e aplicação de descobertas à prática. Nossa proposta foi elaborada em duas etapas: em primeiro lugar, integramos descobertas existentes sobre prática artística e saúde entre dançarinos maduros em diversas disciplinas, o que nos leva a defender uma epistemologia transdisciplinar que permita que métricas clínicas sejam consideradas juntamente com a análise artística e que posicione a prática artística entre idosos como um sistema de inteligência adaptativa. Em segundo lugar, conectamos as ideias obtidas em estudos sobre dança comunitária para idosos como inspiração para desenvolver uma estrutura de pesquisa participativa e transdisciplinar. Essa estrutura concentra-se no conhecimento corporificado e nos modos de investigação de dançarinos maduros na concepção, interpretação e divulgação da pesquisa. Ao tratar o envelhecimento como uma coreografia de adaptação, a estrutura proposta transforma a forma como o conhecimento especializado é reconhecido e como o próprio movimento se torna um espaço de produção de conhecimento.

Palavras-chave: Adaptação. Dança. Envelhecimento. Prática artística na maturidade. Saúde.

Abstract: Aging in professional dance deserves reframing; rather than tropes of decline, the (re)generative modes of artistic inquiry that mature dancers develop can inform perceptions of aging. We examined over a hundred publications spanning dance studies, dance science, and dance education, and learned that mature dancers embody adaptive intelligence through strategies of improvisation and redistribution and practices centred on mindfulness, expression, and spirituality. Yet, the strengths and expertise of mature dancers remain under-recognized due to pervasive ageism within Western dance cultures. Our cross-disciplinary literature review reveals a lack of integrated insight into mature dancers' artistry and health-related knowledge, including challenges, strengths, and potential forms of support. We propose a participatory, transdisciplinary framework for studying aging in dance that transcends boundaries between artistic and scientific knowledge, positioning mature dancers as co-producers of questions, methods, interpretation of evidence, and application of discoveries to practice. Our proposal is arrived at in two steps: First, we integrate existing findings on mature artistry and health across disciplines, which leads us to advocate for a transdisciplinary epistemology that enables clinical metrics to be considered alongside artistic analysis and positions mature artistry as a system of adaptive intelligence. Second, we connect insights from studies of community-based dance for older adults as inspiration to develop a participatory, transdisciplinary research framework. This framework centres mature dancers' embodied knowledge and modes of inquiry in the design, interpretation, and dissemination of research. By treating aging as a choreography of adaptation, the proposed

framework transforms how expertise is recognized and how movement itself becomes a site of knowledge production.

Keywords: Adaptation. Aging. Dance. Health. Mature artistry.

Introdução

A dança nas culturas ocidentais, incluindo o Canadá, é centrada na juventude, celebrando corpos jovens, controlados e capacitados. A cultura da performance, que exige grande preparo atlético e técnico ou é incompatível com as responsabilidades do cuidado familiar, muitas vezes leva bailarinos profissionais no Canadá a migrarem para funções fora da área de performance (como o ensino) ou a se aposentarem da dança aos 30 anos (Flower, 2019; Hill, 2005; Keefe, 2010; Lee, 1988; Roncaglia, 2006).

Conforme observado por Hilde Rustad e Gunn Helene Engelsrud (2022), um número crescente de estudos sobre dança critica o etarismo na cultura da dança ocidental (incluindo a cultura da dança eurocêntrica e colonial) e defende uma maior atenção ao trabalho de dançarinos mais maduros. Liz Schwaiger (2005) e Bryan S. Turner e Steven P. Wainwright (2003) observam que a vida profissional de um dançarino maduro é frequentemente enquadrada em uma narrativa de declínio, onde a maturidade sinaliza limitação em vez de conhecimento especializado ou refinamento. Esse discurso etarista persiste no cerne das culturas da dança, nas quais as habilidades que permitem ao corpo pensar, adaptar-se e expressar-se são descartadas assim que os processos naturais de envelhecimento se tornam evidentes (Martin, 2017; Nakajima; Brandstetter, 2017; Rainer, 2017; Rustad; Engelsrud, 2022).

Essas narrativas culturais de declínio são refletidas e reforçadas nas abordagens institucionais e científicas da dança, particularmente na forma como a longevidade profissional é concebida e apoiada. Muitos estudos em ciência da dança e medicina da dança abordaram problemas relacionados à redução da longevidade profissional (Baumol; Jeffri; Throsby, 2004; Greben, 2002), com poucas estruturas institucionais projetadas para sustentar os artistas além da meia-idade. Estudos sobre a dança contemporânea canadense revelam como bailarinos experientes precisam lidar com as exigências físicas e mentais sem um sistema de apoio (Hansen; Kenny, 2019).

Esses exemplos ilustram como a literatura atual sobre dança tende a separar as formas de conhecimento em domínios estéticos ou psicofísicos. O primeiro pertence ao domínio da arte, o segundo aos campos da saúde e da transição profissional. A pesquisa carece de uma integração holística das perspectivas artísticas e de saúde sobre o tema da idade e da dança; atualmente, cada uma tende a ser discutida separadamente, deixando pouco espaço para uma compreensão integrada de como os dançarinos maduros se adaptam às mudanças fisiológicas e psicológicas e transformam suas práticas artísticas. Essa divisão aponta para uma lacuna epistêmica mais profunda. Os estudos da dança e a ciência da dança geraram vastos corpos de conhecimento, mas raramente se cruzam de maneiras que esclareçam como a inteligência artística e a adaptação corporal se constituem mutuamente ao longo do tempo. Pesquisas sobre lesões, dor ou transição de carreira (Greben, 2002; Harrison; Ruddock-Hudson, 2017) oferecem informações sobre o esforço físico, mas raramente revelam como os dançarinos reinventam e adaptam sua arte por meio dessas experiências. Por outro lado, a pesquisa estética e crítica sobre o envelhecimento na dança (Rustad; Engelsrud, 2022; Weinstock, 2010) expõe estereótipos, mas tende a permanecer distante dos dados corporificados que poderiam fundamentar e transformar essas críticas.

A questão, portanto, não é simplesmente como representar dançarinos maduros de forma mais positiva, mas também como produzir conhecimento sobre a prática artística na maturidade dentro de uma estrutura que valorize a saúde, a corporeidade e a adaptação como elementos essenciais da própria criatividade. De que forma abordagens participati-

vas e transdisciplinares que conectam as tradições analíticas dos estudos da dança com a visão empírica da ciência da dança podem ajudar a tornar mais permeável o etarismo persistente na área?

Por meio de uma revisão narrativa de mais de cem publicações nas áreas de estudos da dança, ciências da dança e educação em dança, este artigo oferece uma síntese interpretativa das pesquisas existentes sobre dança, envelhecimento e saúde, com o objetivo de traçar como essas diferentes disciplinas conceituam a prática artística na maturidade e o corpo do dançarino maduro. Analisamos como o conhecimento é produzido e como as divisões disciplinares moldam o que pode e o que não pode ser sabido sobre as práticas de dançarinos maduros. Nosso foco é identificar padrões epistêmicos que reforçam o etarismo e localizar aberturas conceituais e metodológicas para investigações que possam gerar mudanças positivas. Identificamos possíveis soluções em estruturas participativas e transdisciplinares a partir de uma perspectiva coletiva que emergem nos ecossistemas de pesquisa canadenses, onde artistas, acadêmicos e cientistas estão começando a produzir conhecimento em conjunto em vez de apenas trocá-lo entre diferentes disciplinas.

Método

Optamos pelo formato de revisão narrativa para abordar uma literatura que não apresenta interseções metodológicas ou disciplinares consistentes. Conforme observado por Javeed Sukhera (2022), as revisões narrativas são adequadas para sintetizar diversos conjuntos de trabalhos, priorizando a interpretação e a crítica em detrimento de comparações com focos estreitos. O objetivo desta revisão é examinar o conhecimento em diversas áreas, em vez de atribuir argumentos a autores individuais ou avaliar hierarquias de evidências. Nossa síntese oferece um mapa conceitual de como o conhecimento sobre o envelhecimento na dança está distribuído entre as disciplinas e como podemos superar as divisões disciplinares, possibilitando um diálogo significativo e pesquisas futuras.

A literatura analisada deriva de áreas de pesquisa que podem ser amplamente entendidas como: (1) pesquisa crítica e artística sobre envelhecimento na dança profissional, (2) pesquisa empírica de saúde sobre envelhecimento na dança profissional e (3) intervenções de dança comunitárias para populações idosas. A primeira categoria inclui principalmente publicações nas áreas de estudos de dança, estudos de performance e estudos relacionados à idade, que oferecem tanto análises críticas da prática profissional de dançarinos maduros selecionados quanto uma conceitualização emergente da prática artística na maturidade. Na segunda categoria, incluímos estudos sobre a saúde de bailarinos maduros, desafios ocupacionais, transição de carreira e aposentadoria e bem-estar social — frequentemente derivados da medicina e ciência da dança, cinesiologia e educação em dança. Na terceira categoria, consideramos estudos sobre dança para idosos em contextos comunitários, frequentemente inseridos em pesquisas sobre dança comunitária com foco em saúde e envelhecimento. Embora esses estudos raramente sejam discutidos em relação à prática artística profissional, eles são incluídos como exemplos de práticas de dança adaptadas que promovem o bem-estar entre adultos mais velhos. Uma fase inicial de revisão dessas três áreas de pesquisa revelou uma divisão disciplinar entre os estudos da dança e a ciência da dança, bem como uma possível solução em uma estrutura participativa e transdisciplinar. Assim, identificamos os locais onde as disciplinas permaneceram isoladas umas das outras e onde as abordagens participativas já sugerem fronteiras mais permeáveis entre saúde e a prática artística.

Para aprofundar a interpretação, promovemos discussões entre colaboradores que atuam nas áreas de prática da dança, estudos da dança, ciência da dança, gerontologia, pesquisa participativa com populações idosas, análise espacial e pesquisa comportamental. Nessa troca interdisciplinar inicial, cada colaborador contribuiu a partir de sua área de especialização específica, articulando a questão por meio de lentes analíticas e priorida-

des epistêmicas distintas. Nossas trocas serviram como análise reflexiva, permitindo-nos examinar como diferentes formas de evidência (por exemplo, contribuição artística, relatos de experiência corporal, dados empíricos e estruturas teóricas) se cruzam ou entram em conflito ao descrever dançarinos maduros. Por meio desse processo dialógico, identificamos pressupostos recorrentes que sustentam o etarismo e reconhecemos novas aberturas conceituais para pesquisas que valorizam o conhecimento artístico e corporal.

Partindo desses fundamentos metodológicos, voltamo-nos para as condições discursivas e estruturais que historicamente moldaram os dançarinos maduros. Antes de podermos imaginar a participação transdisciplinar, precisamos primeiro entender como as narrativas profissionais e acadêmicas definiram o envelhecimento na dança profissional. Apresentamos aqui as conclusões de nossa revisão na forma de uma argumentação baseada em revisão, que se desenvolve em quatro etapas. Em primeiro lugar, analisamos como o etarismo é reproduzido discursivamente. Em segundo lugar, compartilhamos a descoberta de que os dançarinos maduros desenvolvem práticas adaptativas que continuam a ser pouco reconhecidas. Em terceiro lugar, interpretamos os estudos de dança comunitária com idosos como um esboço de práticas participativas que priorizam a adaptação, o engajamento relacional e a familiaridade cultural, mas que permanecem amplamente confinados a lógicas de pesquisa predeterminadas e não alcançam uma inclusão epistêmica. Por fim, propomos uma estrutura participativa e transdisciplinar que considera os dançarinos maduros como coprodutores de conhecimento.

Etarismo sistêmico e internalizado na dança profissional

Envelhecimento como um obstáculo em vez de uma vantagem

Na literatura que explora a prática profissional da dança ocidental, o envelhecimento é repetidamente apresentado como um paradoxo: corpos antes celebrados pelo controle e expressividade são reinterpretados como frágeis ou obsoletos. Liz Schwaiger (2005), Irina Roncaglia (2006, 2010) e Marybeth Weinstock (2010) documentam como as infraestruturas profissionais equiparam a legitimidade artística à juventude, ao virtuosismo técnico e a uma imagem de leveza e facilidade em gêneros como o balé. Dentro dessa economia estética que predomina no setor profissional da dança ocidental, o envelhecimento de um dançarino torna-se um obstáculo em vez de uma vantagem. Para as bailarinas, em especial, a meia-idade traz um escrutínio maior em relação ao peso, à energia e à habilidade, o que torna os preconceitos culturais mais acentuados e íntimos (Weinstock, 2010). Stanley E. Greben (2002) e Carly Harrison e Mandy Ruddock-Hudson (2017) observam que muitos bailarinos internalizam esse padrão, vivenciando a mudança física como um fracasso profissional em vez de uma evolução natural. Além das mudanças físicas, as bailarinas também enfrentaram preconceito na dança enquanto criavam seus filhos (Musil; Schupp; Risner, 2022).

Como resultado desse preconceito etário estrutural e internalizado, um dos temas predominantes nos estudos sobre envelhecimento e dança é a transição de carreira e a aposentadoria. Em nossa análise, quinze estudos abordaram o que Matthew Keefe chamou de “síndrome da carreira curta” (2010, p. 1). Os estudos sobre bailarinos se concentram predominantemente nesse tema. Eles abordam desafios psicológicos como a perda da identidade na dança e como os bailarinos lidam (ou não) com a transição. (Greben, 2002; Harrison; Ruddock-Hudson, 2017; Lee, 1988; Roncaglia, 2010; Weinstock, 2010). Os bailarinos que fazem a transição de intérpretes para professores ou coreógrafos permanecem na comunidade da dança, preservando parte de sua identidade. No entanto, estudos apontam para a falta de sistemas de apoio relacionados tanto à transição quanto ao envelhecimento nesses papéis (Harrison; Ruddock-Hudson, 2017).

Além disso, as abordagens clínicas de pesquisa tendem a classificar o corpo da bailarina adulta como um local de risco, em vez de um local de inteligência e adaptação (Lee,

1988; Mayers; Judelson; Bronner, 2003; Turner; Wainwright, 2003). Estudos quantitativos e transversais, como os de Jasmin Lampe e colegas (2019), Eileen M. Wanke e colaboradores (2020) e Mike Schmidt e colegas (2023), documentam consistentemente tensão musculoesquelética, dor crônica, carga cardiovascular e estresse mental entre professores de dança mais velhos. Dançarinos mais jovens relatam ter acesso limitado a profissionais de saúde que entendam de técnica de dança, o que provavelmente representa uma barreira que também prejudica a confiança e a adesão ao longo da vida (Haikal et al., 2021). Sem redes de segurança institucional robustas, professores e artistas de dança maduros lidam com lesões e fadiga como fardos individuais, em vez de responsabilidades compartilhadas. Quando Harrison e Ruddock-Hudson (2017) destacam a dor e a aposentadoria como inevitáveis, enquanto Greben (2002) identifica um modelo psiquiátrico para o “sofrimento da transição”, reforça-se um foco clínico nos desafios individuais previstos, em vez de valorizar a autonomia dos dançarinos ou questionar como as comunidades de dança podem apoiar os dançarinos mais velhos.

A narrativa de sobreviventes excepcionais

Estudos focados em dançarinos maduros em culturas asiáticas e africanas têm apontado como esses dançarinos são respeitados por seu conhecimento especializado e considerados guardiões da cultura (Samuel, 2023), o que aprofunda ainda mais o comentário sobre o etarismo construído culturalmente nas formas de dança ocidentais. Quando os dançarinos continuam suas carreiras de performance nas culturas de dança ocidentais, como observam Hilde Rustad e Gunn H. Engelsrud (2022), eles são frequentemente escalados como sobreviventes excepcionais, o que prioriza a perseverança individual em detrimento da adaptabilidade sistêmica. Essa abordagem pode reproduzir preconceitos etários ao posicionar o profissional idoso como em declínio e normalizar o comprometimento físico juvenil até que o afastamento se torne inevitável.

Os esforços para combater o etarismo frequentemente substituem narrativas de declínio por narrativas de produtividade. Estudos de Pirkko Markula e colegas (2022) e de Jane Southcott e Dawn Joseph (2020) examinam criticamente como o discurso sobre envelhecimento ativo reformula a participação na terceira idade não apenas como uma escolha, mas como uma obrigação moral, enfatizando a autogestão, a vitalidade e a gratidão como características esperadas do dançarino idoso. Isso reflete a cultura de bem-estar neoliberal mais ampla analisada por Debbie Rudman (2015), onde o envelhecimento responsável se torna uma forma de autovigilância e o bem-estar é visto como uma obrigação. Tanto na dança profissional quanto na dança comunitária, a saúde se torna uma estética da disciplina, onde a atividade sinaliza legitimidade e a manutenção corporal se torna um sinal de valor. No entanto, como argumentam Pil Hansen e Sarah J. Kenny (2019) em contextos canadenses, o ideal de bem-estar muitas vezes esconde as condições de trabalho precárias do dançarino e a falta de planejamento institucional de longo prazo. Mesmo quando o etarismo é contestado, a lógica subjacente da auto-otimização persiste. A retórica do empoderamento, portanto, reinscreve a hierarquia, onde o dançarino em processo de envelhecimento continua sendo responsável por superar as deficiências e barreiras sistêmicas por meio da resiliência individual.

Ausência de programação adaptativa e apoio

Diversos autores destacaram a necessidade de programas adaptativos e apoio à carreira para dançarinos experientes e maduros, a fim de que possam manter suas práticas. Pesquisas de William Baumol e colegas (2004), Fabíola De Castro (2023) e Weinstock (2010) validam a necessidade de orientação precoce e desenvolvimento de programas de apoio à transição de carreira que possam ajudar a mitigar os desafios associados à transi-

ção de um dançarino de um papel de artista ativo para uma carreira relacionada à dança ou outra carreira. Julie A. Brodie e Eline E. Lobel (2016) ressaltam que, mesmo após o término da carreira artística, é saudável, tanto física quanto emocionalmente, para bailarinos e professores de dança continuarem a frequentar aulas de técnica; no entanto, há uma carência de aulas e atividades de dança voltadas para bailarinos experientes e maduros. Eles sugerem princípios sobre como essas aulas de movimento podem ser adaptadas para apoiar as mudanças relacionadas à idade e prevenir lesões e dores em corpos maduros. Embora a programação e o apoio adaptativos sejam urgentemente necessários, o foco dessas publicações na transição de carreira e nos desafios físicos reitera, involuntariamente, algumas das noções desvalorizadoras discutidas anteriormente.

Conhecimento adaptativo entre arte e saúde

Conhecimento especializado adaptativo e a prática artística na maturidade

Em suas análises críticas, Mita Banerjee e colaboradores (2017), Susanne Martin (2017), Nanako Nakajima e Gabriele Brandstetter (2017) e Nancy Westman (2019) incitam a uma transformação do discurso sobre dançarinos maduros, argumentando que a idade é uma vantagem e não um obstáculo para os bailarinos. Autores de estudos críticos relacionados descrevem como artistas individuais ou pequenos grupos incorporaram o processo de envelhecimento de seus corpos em sua arte, expandindo seu talento e suas habilidades. O dançarino maduro surge como um especialista adaptável cuja arte depende da negociação contínua com os limites e possibilidades físicas. Lily Kelting (2019) e Martin (2017) argumentam que dois artistas consagrados da vanguarda americana dos anos 70 utilizam o processo de envelhecimento como parte de sua investigação criativa e crítica, levantando questões sobre o envelhecimento e a efemeridade, ao mesmo tempo que aprofundam suas práticas artísticas de improvisação e performance. Jessica Berson (2010) e Robin Prichard (2022) da mesma forma, oferecem análises de casos da prática de artistas individuais como contranarrativas ao discurso que entende o envelhecimento como uma perda e declínio trágicos e inevitáveis. Ao criticar como até mesmo as contranarrativas do envelhecimento muitas vezes partem de uma posição de deficiência e compensação, Prichard (2022) destaca a importância de apresentar dançarinos maduros em seu poder de subverter tropos normativos.

Estudos qualitativos e baseados na prática da dança profissional documentam o conhecimento e as estratégias adaptativas entre dançarinos maduros. Com base em entrevistas, pesquisas e relatos reflexivos, Harrison e Ruddock-Hudson (2017, 2018), Weinstock (2010) e Ali Duffy (2022) mostram que artistas experientes ajustam o ritmo, redistribuem o esforço e redefinem o virtuosismo para lidar com a fadiga, lesões e mudanças nas prioridades criativas. Estratégias como microdescansos durante os ensaios, redistribuição da carga entre as articulações, reajuste do esforço, alteração das trajetórias espaciais, revisão da fraseologia e negociação das exigências coreográficas em prol da expressão artística, em vez da mera exibição atlética, constituem sistemas de tomada de decisão corporificada. Elas refletem processos adaptativos descritos na ciência do controle motor e da flexibilidade cognitiva, mas permanecem em grande parte empíricos porque emergem do raciocínio artístico em vez de protocolos clínicos. Entrevistas com artistas e/ou educadores experientes (Burridge; Nielsen, 2023; Lansley, 2011) e reflexões em diferentes modalidades de prática (Amin, 2019; Kelting, 2019) revelam uma expressividade madura como: camadas de tempo, atenção e significado. A literatura aponta, portanto, para uma inteligência sofisticada incorporada à prática corporal madura, que muitas vezes é negligenciada porque os paradigmas de pesquisa continuam a separar o estético do clínico.

Dançarinos maduros como fontes de dados de saúde

Os discursos de declínio e produtividade que marginalizam dançarinos maduros no palco são frequentemente reproduzidos pelas práticas de pesquisa. As investigações em ciências da saúde aprofundam nossa compreensão da inteligência adaptativa, ao mesmo tempo que expõem as limitações de como ela é normalmente estudada. Em estudos em educação em dança e ciência da dança, como Baumol e colegas (2004) e Schmidt e coautores (2023), os dançarinos são posicionados principalmente como fontes de dados em vez de colaboradores, com o conhecimento da prática raramente traduzido em métodos, já que o conhecimento especializado inscrito no corpo dos dançarinos é mais frequentemente medido ou observado do que mobilizado para moldar como as questões de pesquisa são colocadas ou investigadas. Mesmo em programas de dança comunitários que enfatizam o engajamento, a participação normalmente termina em consultas ou feedbacks, em vez de em criação conjunta, análise compartilhada ou autoria. O resultado é uma acumulação de conhecimento *sobre* dançarinos maduros, mas há uma notável ausência de conhecimento *extraído* deles. Essa lacuna epistêmica não apenas ignora muitas das diversas estratégias experienciais, adaptativas e criativas que os dançarinos desenvolvem por meio de sua prática, mas também corre o risco de perpetuar uma visão da maturidade artística como uma fase de declínio a ser suportada.

Envelhecimento e saúde como condição criativa de dançarinos maduros

Estudos de Dança e projetos de pesquisa baseados na prática por Mary Fitzgerald e Eileen Standley (2022), Efy Lilja (2017) e Jennifer Nikolai (2022) apresentam exemplos em que dançarinos maduros se tornam produtores e autores de conhecimento, integrando seu processo de envelhecimento como parte da investigação criativa, refletindo sobre a posição dos dançarinos maduros e oferecendo contranarrativas aos discursos etaristas. Embora esses estudos enfatizem as maneiras como os dançarinos lidam individualmente com a maturidade e inovam as práticas de dança à medida que envelhecem, eles raramente abordam os fatores psicológicos e físicos englobados pela literatura sobre envelhecimento e saúde, nem tratam de problemas sistêmicos mais amplos. Consequentemente, as descobertas e os argumentos de tais estudos práticos e críticos sobre o envelhecimento na dança têm um potencial de impacto limitado além dos participantes diretos.

Em termos simplificados, a lacuna problemática que nossa revisão bibliográfica revelou entre os estudos sobre a arte e a saúde de dançarinos maduros é produzida pela seguinte tendência: a ciência da dança coleta predominantemente dados sobre dançarinos sem integrar o conhecimento sobre a prática artística, enquanto os estudos de dança normalmente examinam as características artísticas sem abordar a saúde. Estudos recentes no Canadá e internacionalmente começaram a diluir essas fronteiras entre a prática artística e a pesquisa em saúde, com foco em dançarinos maduros. Markula e colegas (2022), um estudo de pesquisa baseado na prática, liderado por um grupo de dançarinos contemporâneos aposentados no Canadá, utiliza o trabalho com a memória para trazer à tona tanto as histórias de lesões quanto as de alegria na prática colaborativa. Da mesma forma, Regan Thompson (2024) explora a incorporação e a imagem corporal entre bailarinos canadenses ao longo de suas carreiras, trazendo métodos reflexivos para o diálogo com a cinesiologia. Heejin Kim e colaboradores (2022) aborda a sabedoria pessoal na perseverança da carreira entre bailarinos aposentados no Canadá, estabelecendo uma ponte entre as reflexões críticas relacionadas às vidas artísticas e pedagógicas. Hansen e Kenny (2019), da mesma forma, demonstram como artistas maduros coreografam a longevidade por meio de rotinas de treinamento somático, visualização mental e modos de colaboração, reformulando a sustentabilidade como prática de treinamento maduro e habilidade

criativa. Esses estudos, em conjunto, ressaltam a importância de reposicionar a saúde não como uma manutenção externa, mas como uma condição criativa para a prática artística na maturidade e para novas formas de trabalho. No entanto, como estudos exploratórios de pequena escala, focados principalmente em dançarinos contemporâneos e de balé, eles também revelam a necessidade de estruturas transdisciplinares mais robustas para aprofundar a compreensão de como as experiências relacionadas à saúde influenciam as direções criativas e a adaptação de dançarinos maduros em mais formas de dança, expandindo e apoiando sua expressão artística.

Em direção a uma estrutura participativa e transdisciplinar

Dançarinos experientes como copesquisadores

Para desenvolver um discurso que valorize a expressão artística na maturidade dos dançarinos e gerar conhecimento relevante sobre a saúde dos dançarinos para a performance na maturidade, defendemos uma mudança para uma abordagem participativa e transdisciplinar, na qual a investigação artística e crítica, a pesquisa em ciências da saúde e as abordagens participativas possam se encontrar. Uma limitação central na literatura existente é a falta de oportunidades para que dançarinos maduros assumam alguma liderança e coautoria sobre como as questões-chave em suas áreas de especialização são formuladas e respondidas. Nossa análise indica que, se a lacuna identificada for preenchida, a dança na terceira idade poderá ser entendida como uma forma de conhecimento especializado adaptativo com implicações significativas para o planejamento de treinamento, coreografia, pedagogia e saúde. Em outras palavras, dançarinos maduros detêm grande parte do conhecimento incorporado necessário tanto para compreender tal conhecimento especializado quanto para desenvolver práticas adaptativas por meio de estudos de dança integrados e transdisciplinares e da investigação científica. Os dançarinos precisam se enxergar na obra para aplicar suas descobertas. Isso exige que artistas maduros sejam posicionados como copesquisadores e agentes interpretativos em etapas decisivas tanto na investigação artística quanto na científica. Claire Farmer e colegas (2022) exploraram a relação entre a prática da dança com base em princípios somáticos, a saúde e o desempenho estético em dançarinos maduros, por meio de um estudo de métodos mistos e concepção conjunta. Eles destacaram a importância de serem notados e respeitados durante a prática destinada a dançarinos idosos (17). Essa estrutura participativa desafia as narrativas etaristas a partir de dentro e contribui para o desenvolvimento de sistemas adaptativos e de apoio que abordem as realidades vividas por dançarinos maduros.

Ao mesmo tempo que a participação altera quem é considerado detentor do conhecimento, a transdisciplinaridade reconfigura a forma como o conhecimento é estruturado. Seguindo Harvey J. Graff (2015), o trabalho transdisciplinar reconfigura a forma como o conhecimento é organizado, permitindo que conceitos, métodos e padrões de evidência interajam em resposta a problemas compartilhados com parceiros da comunidade, em vez de simplesmente combinar as lógicas disciplinares de comunidades de pesquisa separadas. Conforme descrito por Hansen (2017, 2024), a pesquisa quantitativa em saúde oferece construtos e métricas transferíveis para a dança em geral (por exemplo, equilíbrio, resistência e propriocepção), enquanto os estudos da dança fornecem estruturas interpretativas para experiências humanas complexas em formas de dança específicas (por exemplo, criatividade e significado incorporado), e a pesquisa artística traz abordagens baseadas na prática que incorporam a investigação no conhecimento incorporado do dançarino individual e aplicam insights à sua prática. Conforme evidenciado em nossa revisão bibliográfica, essas disciplinas correm o risco de reforçar diferentes pressupostos etaristas quando permanecem isoladas, assim como clínicas de saúde classificam o envelhecimen-

to na dança como um risco, enquanto estúdios de dança enquadram a adaptação como uma declaração artística pessoal.

Precedentes canadenses como Hansen e Kenny (2019) ilustram o que se torna possível quando esses paradigmas se encontram. As microestratégias adaptativas dos dançarinos tornam-se perceptíveis tanto como inteligência biomecânica quanto como escolha estética. Nesse sentido, a transdisciplinaridade não é fusão, mas tradução. Ela produz um vocabulário compartilhado no qual evidências biológicas, sociais e artísticas podem coexistir. Por meio desse alinhamento, as métricas ganham validade ecológica — medindo o que importa na prática — enquanto a percepção artística ganha força metodológica, tornando-se comunicável, analisável e transferível entre contextos. Portanto, estratégias corporificadas, como redistribuição de carga e sobreposição cognitiva, emergem não como ajustes incidentais, mas como componentes centrais da prática artística na maturidade. O uso que um dançarino faz de marcações, imagens e situações imaginadas para auxiliar na memorização e na recordação pode ser interpretado simultaneamente como textura dramática e como suporte cognitivo (Hansen; Kenny, 2019). Da mesma forma, os ajustes coreográficos funcionam tanto como uma escolha artística quanto como estratégias para prevenir dores e lesões, por meio da escuta do corpo (Hansen; Kenny, 2019). Os métodos transdisciplinares tornam essas estratégias visíveis como sistemas— mensuráveis, descritíveis e compartilháveis— sem reduzi-las a escolhas individualizadas ou compensatórias.

Essa reformulação do conhecimento especializado adaptativo permite que o envelhecimento seja compreendido como uma coreografia de cuidado, atenção e calibração mútua entre disciplinas. Nessa perspectiva, a prática artística na maturidade não é o resquício de uma carreira juvenil, mas sim um modo de inteligência adaptativa que exige e recompensa a colaboração epistêmica.

Reflexões sobre a dança em contextos comunitários: da adaptação individual à inteligência relacional

Encontramos informações em estudos sobre dança para idosos em contextos comunitários que podem ser relevantes no desenvolvimento de uma estrutura participativa e transdisciplinar para o estudo da prática artística na maturidade na dança profissional. Programas que introduzem intervenções de dança para idosos (Coelho et al., 2022; Eyigor et al., 2009; Noopud et al., 2019; Nur et al., 2022; Paglione et al., 2024) demonstram consistentemente resultados positivos para a saúde física, mental e social, como melhora do equilíbrio, resistência, confiança e conexão social. Esses benefícios estão intimamente associados à familiaridade cultural e ao significado compartilhado, que ajudam a manter a motivação e o engajamento a longo prazo (Buransri; Phanpheng, 2021; Douka et al., 2019; Leelapattana et al., 2018; Mishra; Shukla, 2022).

Embora as pesquisas sobre dança e envelhecimento reconheçam a adaptação e a expressividade na terceira idade, os estudos raramente compartilham a agência de pesquisa participativa além do feedback dos membros da comunidade para ajustar aspectos de sua experiência de dança, como música ou ritmo. Os programas terapêuticos e neurológicos enfatizam, de forma semelhante, a adaptação e a interação dos participantes, privilegiando a experiência profissional ou clínica (Charras et al., 2020; De Natale et al., 2017; Guzmán-García; Mukaetova-Ladinska; James, 2013; Hackney et al., 2013, 2015). Os participantes são consultados, mas normalmente não se envolvem na qualidade de copesquisadores. Os resultados mais expressivos se concentram onde a familiaridade cultural encontra a reciprocidade social: onde a linguagem popular sustenta a adesão, tarefas colaborativas aumentam a confiança e a música compartilhada fortalece a memória (Coelho et al., 2022; Douka et al., 2019; Eyigor et al., 2009; Mishra; Shukla, 2022). Essa discrepância entre a linguagem da dança participativa, as práticas epistêmicas e a pesquisa participativa expõe uma lacuna metodológica fundamental. A dança, no entanto, oferece um vislumbre da ética

relacional em movimento, onde a instrução se torna negociação e a saúde é criada em conjunto por meio da interação durante a prática. No entanto, a maioria dos estudos carece de métodos para documentar essas negociações como uma investigação compartilhada.

Uma distinção importante dentro deste conjunto de trabalhos diz respeito a se os programas de dança comunitária introduzem a dança como uma intervenção estruturada para idosos que são novos na modalidade, ou engajam idosos que compartilham conhecimento cultural, social ou experiencial prévio de uma prática de dança específica. Muitas intervenções voltadas para a saúde e a comunidade são estruturadas para participantes com pouca ou nenhuma experiência prévia em dança, enfatizando a acessibilidade e a adaptação individual. Em contraste, os programas baseados em formas de dança cultural compartilhadas aproveitam a familiaridade compartilhada dos dançarinos da comunidade com linguagem, música e práticas sociais coletivas de movimento, promovendo o engajamento relacional e a participação contínua (Coelho et al., 2022; Douka et al., 2019; Mishra; Shukla, 2022). Apesar dessas diferenças no conhecimento experiencial e cultural dos participantes, as estruturas participativas não são consistentemente concebidas para ir além da adaptação ao nível do movimento. Em contextos de dança comunitária com raízes culturais, a familiaridade dos participantes com formas compartilhadas pode favorecer o engajamento relacional e a participação contínua, mas raramente se traduz em influência sobre o enquadramento da pesquisa, a interpretação analítica ou a evolução dos protocolos de estudo.

Nos estudos analisados, a participação geralmente assumia a forma de dançarinos da comunidade fornecendo feedback e ajustando seus movimentos dentro de estruturas predefinidas, enquanto os programas em si eram elaborados e conduzidos por pesquisadores ou, em alguns casos, por dançarinos profissionais experientes. A participação, portanto, permanece confinada a lógicas de pesquisa predeterminadas, ecoando a literatura sobre dança profissional, em que artistas idosos são estudados, mas raramente envolvidos como copesquisadores em qualquer etapa da investigação. A dança comunitária oferece um esboço visível do conhecimento participativo, mas concretizar seu potencial requer estruturas de pesquisa que reconheçam a tomada de decisão corporificada e a autoria compartilhada.

Estudos como os de Bennett e Hackney (2018), Coelho et al. (2022), Hansen et al. (2021) e Merom et al. (2016) demonstram que, quando dançarinos comunitários maduros tomam parte na adaptação participativa da prática e da reflexão sobre sua experiência, os programas de dança se tornam mais envolventes e eficazes no apoio à participação contínua, à sensibilidade às capacidades individuais e à interação social significativa do que quando os dançarinos são observados executando rotinas predeterminadas. Abby Haynes e colegas (2023) também argumentam que o envolvimento contínuo na dança é sustentado por mecanismos afetivos, relacionais e motivacionais, como camaradagem, satisfação e sentimento de valorização. Em projetos como (Coelho et al., 2022; Merom et al., 2016; Vella-Burrows et al., 2021), uma mudança significativa surge de processos negociados nos quais os participantes mais velhos reinterpretem e adaptam o movimento em relação aos seus próprios corpos. A participação, portanto, não é um complemento ético; é uma redistribuição da autoridade epistêmica dentro da prática.

Isso também é importante no contexto da arte e do bem-estar entre dançarinos profissionais maduros, onde a escuta do corpo e a consciência cinestésica funcionam como formas geradoras de conhecimento. Dançarinos maduros utilizam a memória sensorial, a consciência biomecânica e a adaptação coreográfica para lidar com capacidades em constante mudança (Hansen and Kenny, 2019). Quando esse raciocínio corporal de dançarinos maduros influencia a concepção da pesquisa, o enquadramento metodológico e a interpretação dos dados, a participação dos dançarinos pode ajudar a traduzir a inteligência vivida em conhecimento reproduzível e transferível. Em termos práticos, o desenho participativo deve envolver o enquadramento conjunto de questões-chave de pesquisa em colaboração com dançarinos maduros, garantindo que a investigação comece no diálogo entre a experiência vivida e os corpos de pesquisa, em vez de ser imposta externamente. Métodos par-

ticipativos que conseguem acessar e responder ao conhecimento corporificado e à adaptação, conforme estes se desenvolvem durante a prática, podem ser desenvolvidos de forma proveitosa em conjunto. Dançarinos maduros podem, por exemplo, fazer anotações em gravações de seus ensaios e processos de adaptação, articulando suas próprias estratégias e ajustes logo após interagirem com seus corpos no estúdio. Narrativas de autoria conjunta ou “histórias de dançarinos maduros” podem ser tratadas não como anedotas ilustrativas, mas como unidades analíticas que revelam raciocínio corporificado; tomada de decisão interpretativa, improvisacional ou em parceria; e camadas de construção de significado corporal e psicossocial. Fundamentalmente, esse modelo participativo também deve incorporar ciclos de feedback nos quais as percepções e escolhas dos dançarinos moldem ativamente os protocolos de pesquisa à medida que se desenvolvem. Para evitar que a participação se limite à autoimagem subjetiva ou às práticas de trabalho de um pequeno grupo de dançarinos, esses processos de feedback devem ser inseridos em estruturas de pesquisa transdisciplinares que ofereçam orientação metodológica, perspectivas éticas e compromisso com a inclusão. Essas soluções iriam além da simples consulta, integrando elementos de concepção e interpretação conjuntas e, ao mesmo tempo, engajando dançarinos experientes na validação e disseminação dos resultados da pesquisa.

Evidências qualitativas de Paglione et al. (2024), Rachyl Pines e Howard Giles (2020), e Vivien Xi Wu e coautores (2023) revelam, ademais, que os participantes descrevem o sucesso por meio da conexão, da criatividade e do reconhecimento mútuo. A dança participativa em contextos comunitários amplia, assim, o conceito de saúde, onde o engajamento artístico e a autoexpressão em grupo se tornam formas mensuráveis de bem-estar. Em contextos comunitários, a inteligência adaptativa torna-se coletiva, não apenas uma questão de ajuste individual, mas de sintonia com os outros. Por meio de movimentos, música e instruções compartilhados, os participantes se ajustam aos ritmos uns dos outros, criando um sistema distribuído de equilíbrio e cuidado por meio da sincronia corporificada do grupo (Toohey; Hutchinson; Moloney, 2024).

Nessa análise reformulada, o corpo deixa de ser a unidade singular de desempenho ou mensuração; a própria relação torna-se o local de adaptação. Os efeitos da dança emergem não apenas do movimento, mas também do tecido social do estúdio e de seus ritmos de reciprocidade, atenção compartilhada e apoio mútuo, fundindo continuidade cultural, inclusão social e aprendizado corporificado. Aqui, a prática artística na maturidade e a saúde da comunidade revelam-se como modos de vivenciar o conhecimento que se reforçam mutuamente. Como essas práticas priorizam a interdependência em detrimento do virtuosismo individual, elas desafiam as lógicas etaristas, que equiparam valor à juventude, velocidade ou autonomia. Reciprocidade, feedback e imaginação não são apenas ferramentas estéticas ou terapêuticas; são as próprias capacidades que tornam o etarismo permeável a todo o ecossistema da dança.

Conclusão: tornando o etarismo permeável

A dança profissional, particularmente nas formas ocidentais, continua a venerar corpos disciplinados, otimizados, jovens e capacitados, enquanto torna invisíveis os corpos envelhecidos. Nossa análise mostra que essa tendência persiste não porque os dançarinos maduros não tenham capacidade, mas sim porque os sistemas que os cercam não possuem estruturas que reconheçam seu conhecimento e experiência. Em contextos profissionais, clínicos e comunitários, demonstramos como dançarinos maduros desenvolvem continuamente estratégias adaptativas como formas de inteligência corporificada. Além disso, argumentamos que o conhecimento especializado pode ser reconhecido e celebrado quando o envelhecimento é compreendido como uma coreografia de adaptação e uma reorganização contínua da atenção, do tempo, do relacionamento e do cuidado.

Além disso, sugerimos que uma estrutura participativa e transdisciplinar pode superar as divisões disciplinares existentes entre os estudos da dança e a ciência, bem como entre as comunidades de pesquisa e da dança, permitindo que a arte, a saúde e a conexão social se tornem dimensões mutuamente sustentáveis da experiência de dançarinos maduros e do discurso sobre o envelhecimento na dança.

O Canadá oferece um terreno fértil para o avanço da pesquisa participativa e transdisciplinar sobre a prática artística na maturidade. Já existem infraestruturas de saúde pública capazes de apoiar estudos colaborativos, juntamente com uma rede crescente de iniciativas comunitárias e de envelhecimento criativo. Organizações nacionais como o Dancer Transition Resource Centre (DTRC), a Canadian Alliance of Dance Artists (CADA) e a Healthy Dancer Canada (HDC) já promovem debates sobre padrões profissionais, transição e formação, ainda que dentro de silos disciplinares. Essas organizações poderiam se tornar parceiras fundamentais em pesquisas e iniciativas baseadas em pesquisa na comunidade da dança, capazes de reduzir o etarismo e promover a longevidade na dança.

Identificamos diversas iniciativas que poderiam ajudar a mudar o discurso etarista e promover práticas adaptativas saudáveis que apoiem o desenvolvimento artístico na maturidade. Para apoio à saúde e como ferramentas de pesquisa, instrumentos de avaliação de capacidades baseados em pontos fortes para dançarinos maduros poderiam ser adaptados a partir de medidas existentes — como equilíbrio, triagem cognitiva, apreciação corporal e qualidade de vida — para priorizar estratégias adaptativas e o mapeamento de pontos fortes em vez de déficits. Diretrizes de ética participativa e coautoria, desenvolvidas com dançarinos maduros, poderiam promover uma colaboração ainda mais significativa. Por meio da aplicação de descobertas à comunidade da dança, os padrões de trabalho inclusivos em relação à idade e baseados em pesquisa poderiam ser desenvolvidos com parceiros do setor, incluindo práticas de contratação e ensaio que sejam sensíveis às necessidades e pontos fortes de dançarinos maduros.

O que sustenta o etarismo não é apenas a forma como o envelhecimento é representado, mas também a maneira como é contido metodológica e institucionalmente. Tornar o etarismo permeável significa dissolver essas fronteiras e repensar o envelhecimento como uma forma dinâmica de investigação que se desdobra ao longo do tempo, dos relacionamentos e dos ambientes sociais. Em uma estrutura participativa e transdisciplinar, o envelhecimento deixa de ser uma barreira a ser superada e se torna uma forma de conhecimento que mantém tanto a ciência quanto a arte sensíveis à vida em sua evolução.

Essa estrutura também redefine onde buscamos conhecimento. Em vez de se concentrar apenas no indivíduo, a investigação porosa examina como os sistemas circundantes moldam as experiências de envelhecimento na dança. Isso abrange o projeto do estúdio, a cultura de ensaio e apresentação e a acessibilidade aos cuidados de saúde. Questiona-se como os ambientes apoiam ou limitam a adaptação. Em sistemas porosos, é a adaptação compartilhada e o apoio que possibilitam o desenvolvimento da prática artística na maturidade. É uma coreografia de resiliência que ensina à própria dança como perdurar.

Referências

AMIN, Nora. Shaming Age: The unspoken truth of dance in Egypt. *Performance Research*, v. 24, n. 3, p. 74–80, 3 abr. 2019. <https://doi.org/10.1080/13528165.2019.1579026>

BANERJEE, Mita; WOHLMANN, Anita; DAHM, Ralf. Living autobiographically: Concepts of aging and artistic expression in painting and modern dance. *Journal of Aging Studies*, v. 40, p. 8–15, jan. 2017. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2016.12.002>

BAUMOL, William J.; JEFFRI, Joan; THROSBY, C. D. *Making changes: facilitating the transition of dancers to post-performance careers*. New York: Advance Project, 2004. 0786418192 (ISBN-10) e 978-0786418190 (ISBN-13).

BENNETT, Crystal G.; HACKNEY, Madeleine E. Effects of line dancing on physical function and perceived limitation in older adults with self-reported mobility limitations. *Disability and Rehabilitation*, v. 40, n. 11, p. 1259–1265, 22 maio 2018. <https://doi.org/10.1080/09638288.2017.1294207>

BERSON, Jessica. Old Dogs, New Tricks: Intergenerational Dance. *Em*: LIPSCOMB, Valerie Barnes; MARSHALL, Leni (Orgs.). *Staging Age: The Performance of Age in Theatre, Dance, and Film*. New York: Palgrave Macmillan US, 2010. p. 165–189. https://doi.org/10.1057/9780230110052_9

BRODIE, Julie A.; LOBEL, Elin E. Designing Modern Dance Classes for the Mature Mover: Physiological and Psychological Considerations. *Journal of Dance Education*, v. 16, n. 2, p. 48–57, 2 abr. 2016. <https://doi.org/10.1080/15290824.2015.1080368>

BURANSRI, M.; PHANPHENG, Y. Effects of Traditional Srichiangmai dance on Balance and Mobility in the Elderly. *Muscle Ligaments and Tendons Journal*, v. 11, n. 02, p. 215, maio 2021. <http://dx.doi.org/10.32098/mltj.02.2021.02>

BURRIDGE, Stephanie; NIELSEN, Charlotte (ORGS.). *Dance on! Dancing through life*. Primeira edição ed. New York: Routledge, 2023. <https://doi.org/10.4324/9781003307624>

CHARRAS, Kevin *et al.* Dance intervention for people with dementia: Lessons learned from a small-sample crossover explorative study. *The Arts in Psychotherapy*, v. 70, p. 101676, 1 set. 2020. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2020.101676>

COELHO, Paulo *et al.* Creative dance associated with traditional Portuguese singing as a strategy for active aging: a comparative cross-sectional study. *BMC Public Health*, v. 21, n. Supl 2, p. 2334, 29 mar. 2022. <https://doi.org/10.1186/s12889-022-12978-4>

DE CASTRO, Fabíola. Career transition of dancers in Portugal: an exploratory study supporting the need for a program for development and career transition in dance. *The Psychologist: Practice & Research Journal*, v. 6, n. 1, 6 set. 2023. <https://doi.org/10.33525/pprj.v6i1.106>

DE NATALE, Edoardo Rosario *et al.* Dance therapy improves motor and cognitive functions in patients with Parkinson's disease. *NeuroRehabilitation*, v. 40, n. 1, p. 141–144, 2017. <https://doi.org/10.3233/NRE-161399>

DOUKA, Styliani *et al.* Traditional Dance Improves the Physical Fitness and Well-Being of the Elderly. *Frontiers in Aging Neuroscience*, v. 11, p. 75, 2019. <https://doi.org/10.3389/fnagi.2019.00075>

DUFFY, Ali. Teaching Dance Techniques in an Aging Body: Perspectives and Recommendations from Dance Educators. *Journal of Dance Education*, v. 22, n. 1, p. 32–41, 2 jan. 2022. <https://doi.org/10.1080/15290824.2020.1766690>

EYIGOR, Sibel *et al.* A randomized controlled trial of Turkish folklore dance on the physical performance, balance, depression and quality of life in older women. *Archives of Gerontology and Geriatrics*, v. 48, n. 1, p. 84–88, 2009. <https://doi.org/10.1016/j.archger.2007.10.008>

FARMER, C. *et al.* Relationships between dance, health and aesthetic performance in a company of mature dancers: an exploratory study. *Journal of Dance and Somatic Practices*, v. 14, n. 2, p. 197–216, 31 dez. 2022. https://doi.org/10.1386/jdsp_00084_1

FITZGERALD, Mary; STANDLEY, Eileen. Conversations on change: A project about women, dance, and aging. *Em: Dancing Across the Lifespan*. [S.l.]: Springer International Publishing, 2022. p. 225–242. https://doi.org/10.1007/978-3-030-82866-0_14

FLOWER, Lynda. Spiritual experiences of post-performance career ballet dancers: a qualitative study of how peak performance spiritual lived experiences continued into and influenced later teaching lives. *Research in Dance Education*, v. 20, n. 2, p. 184–196, 4 maio 2019. <https://doi.org/10.1080/14647893.2018.1543260>

GRAFF, Harvey J. *Undisciplining Knowledge: Interdisciplinarity in the Twentieth Century*. [S.l.]: JHU Press, 2015. 1421417456 (ISBN-10) e 9781421417455 (ISBN-13).

GREBEN, Stanley E. Career transitions in professional dancers. *Journal of Dance Medicine & Science*, v. 6, n. 1, p. 14–19, 2002. <https://doi.org/10.1177/1089313X0200600103>

GUZMÁN-GARCÍA, Azucena; MUKAETOVA-LADINSKA, Elizabeta; JAMES, Ian. Introducing a Latin ballroom dance class to people with dementia living in care homes, benefits and concerns: a pilot study. *Dementia (London, England)*, v. 12, n. 5, p. 523–535, set. 2013. <https://doi.org/10.1177%2F1471301211429753>

HACKNEY, Madeleine E. *et al.* Dancing for balance: feasibility and efficacy in oldest-old adults with visual impairment. *Nursing Research*, v. 62, n. 2, p. 138–143, 2013. <https://doi.org/10.1097%2FNNR.0b013e318283f68e>

HACKNEY, Madeleine E. *et al.* Multimodal Exercise Benefits Mobility in Older Adults With Visual Impairment: A Preliminary Study. *Journal of Aging and Physical Activity*, v. 23, n. 4, p. 630–639, out. 2015. <https://doi.org/10.1123%2Fjapa.2014-0008>

HAIKAL, Lara *et al.* Dancers' Perceptions of Accessibility and Quality of the Relationship with Healthcare Professionals in Quebec. *Medical Problems of Performing Artists*, v. 36, n. 4, p. 245–262, dez. 2021. <https://doi.org/10.21091%2Fmppa.2021.4028>

HANSEN, Pil; KENNY, Sarah J. Physical and Mental Demands Experienced by Ageing Dancers: Strategies and values. *Performance Research*, v. 24, n. 3, p. 24–31, 3 abr. 2019. <https://doi.org/10.1080/13528165.2019.1581965>

HANSEN, Pil; MAIN, Caitlin; HARTLING, Liza. Dance Intervention Affects Social Connections and Body Appreciation Among Older Adults in the Long Term Despite COVID-19 Social Isolation: A Mixed Methods Pilot Study. *Frontiers in Psychology*, v. 12, p. 635938, 2021. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.635938>

HARRISON, Carly; RUDDOCK-HUDSON, M. Beyond the stage: Career transition and retirement of professional dancers. *Journal of Science and Medicine in Sport*, v. 21, p. S43, 2018. [https://www.jsams.org/article/S1440-2440\(18\)30729-1/abstract](https://www.jsams.org/article/S1440-2440(18)30729-1/abstract)

HARRISON, Carly; RUDDOCK-HUDSON, Mandy. Perceptions of Pain, Injury, and Transition-Retirement: The Experiences of Professional Dancers. *Journal of Dance Medicine & Science: Official Publication of the International Association for Dance Medicine & Science*, v. 21, n. 2, p. 43–52, 15 jun. 2017. <https://doi.org/10.12678/1089-313X.21.2.43>

HAYNES, Abby *et al.* “It doesn’t feel like exercise”: a realist process evaluation of factors that support long-term attendance at dance classes designed for healthy ageing. *Frontiers in Public Health*, v. 11, 20 dez. 2023. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2023.1284272>

HILL, Kelly. *A Profile of Professional Dancers in Canada*. [S.l.]: Hill Strategies Research and Dancer Transition Resource Centre, 16 fev. 2005. Disponível em: <<https://hillstrategies.com/resource/a-profile-of-professional-dancers-in-canada/>>. Acesso em: 19 dez. 2025.

KEEFE, Matthew. The Short-Career Syndrome: A Case for Dancer Professional Development. *Dance/USA Journal*, v. 26, n. 1, p. 9–10, 1 abr. 2010. [research.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=2e45a83f-5f9a-3483-9be2-6de3926e26f7](https://www.research.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=2e45a83f-5f9a-3483-9be2-6de3926e26f7)

KELTING, Lily. The Dancer from the Dance: ontologies of the body in eszter salamon’s and christophe wavelet’s monuments 0.1 and 0.2. *Performance Research*, v. 24, n. 3, p. 49–54, 3 abr. 2019. <https://doi.org/10.1080/13528165.2019.1582272>

KIM, Heejin; TASKER, Susan Louise; SHEN, Yan. How to persevere in a ballet performance career: exploring personal wisdom of retired professional ballet dancers. *Research in Dance Education*, v. 23, n. 4, p. 425–450, 2 out. 2022. <https://doi.org/10.1080/14647893.2020.1837765>

LAMPE, Jasmin *et al.* Pain in female dancers and dance teachers: Perception, assessment, and related behavior. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, v. 29, n. 4, p. 623–632, abr. 2019. <https://doi.org/10.1111/sms.13387>

LANSELY, Jacky (ORG.). *The wise body: conversations with experienced dancers*. 1. publ ed. Bristol: Intellect, 2011. <https://doi.org/10.2307/j.ctv36xvh05>

LEE, SA. Is It the Last Dance?: Ballet Dancers at Age 30. *Medical Problems of Performing Artists*, v. 3, n. 1, p. 27–31, 1988. <https://www.jstor.org/stable/45440647>

LEELAPATTANA, Pittavat *et al.* Thai Classical Dance Exercise for Fall Prevention. *J Med Assoc*, v. 101, p. S119–S126, 2018. <http://www.jmatonline.com/PDF/S119-S126-PB-101-S3.pdf>

LILJA, Efva. Hi, who are you?: On choreography and the aged dancer. In: *Contemporary Choreography*. 2. ed. [S.l.]: Routledge, 2017. <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315563596-36/hi-efva-lilja>

MARKULA, Pirkko *et al.* “It Can Be Magic:” Creating Age Awareness Through Contemporary Dance. *Frontiers in Sports and Active Living*, v. 4, 10 mar. 2022. <https://doi.org/10.3389/fspor.2022.795541>

MARTIN, Susanne. *Dancing Age(ing): Rethinking Age(ing) in and through Improvisation Practice and Performance*. [S.l.]: transcript Verlag, 2017. <http://www.jstor.org/stable/j.ctv371bnrc>

MAYERS, Lester; JUDELSON, Daniel; BRONNER, Shaw. The Prevalence of Injury among Tap Dancers. *Journal of Dance Medicine & Science*, v. 7, n. 4, p. 121–125, dez. 2003. <https://doi.org/10.1177/1089313X0300700403>

MEROM, Dafna *et al.* Social Dancing and Incidence of Falls in Older Adults: A Cluster Randomised Controlled Trial. *PLoS Medicine*, v. 13, n. 8, p. e1002112, 1 ago. 2016. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1002112>

MISHRA, Siddharth S.; SHUKLA, Shivani. Effect of Indian folk-dance therapy on physical performances and quality of life in elderly. *Biomedical Human Kinetics*, v. 14, n. 1, p. 244–251, 1 jan. 2022. <https://reference-global.com/article/10.2478/bhk-2022-0030>

MUSIL, Pam; SCHUPP, Karen; RISNER, Doug. Parenting While Dancing While Parenting. *Em:*

MUSIL, Pam; RISNER, Doug; SCHUPP, Karen (Orgs.). *Dancing Across the Lifespan: Negotiating Age, Place, and Purpose*. Cham: Springer International Publishing, 2022. p. 129–147. https://doi.org/10.1007/978-3-030-82866-0_9

NAKAJIMA, Nanako; BRANDSTETTER, Gabriele. *The aging body in dance: a cross-cultural perspective*. Abingdon: Routledge, 2017. <https://doi.org/10.1017/S0307883318001049>

NIKOLAI, Jennifer. Move: Durational Dance-Making as We Age. *Frontiers in Sports and Active Living*, v. 4, 29 mar. 2022. <https://doi.org/10.3389/fspor.2022.795526>

NOOPUD, Penpak *et al.* Effects of Thai traditional dance on balance performance in daily life among older women. *Aging Clinical and Experimental Research*, v. 31, n. 7, p. 961–967, jul. 2019. <https://doi.org/10.1007%2Fs40520-018-1040-8>

NUR, Kholid Rosyidi Muhammad *et al.* Traditional dance “Molong Kopi” for maintaining of health status among older adults in long-term care of Indonesia. *Working with Older People*, v. 26, n. 3, p. 238–245, 8 mar. 2022. <https://doi.org/10.1108/WWOP-04-2021-0017>

PAGLIONE, Vanessa *et al.* Movement, Music, and Connection: Older Adults’ Experiences of Community Dance. *Activities, Adaptation & Aging*, v. 48, n. 1, p. 159–181, 2 jan. 2024. <https://doi.org/10.1080/01924788.2023.2191097>

PINES, Rachyl; GILES, Howard. Dancing while Aging: A Study on Benefits of Ballet for Older Women. *Anthropology & Aging*, v. 41, n. 1, p. 83–94, 4 mar. 2020. <https://doi.org/10.5195/aa.2020.209>

PRICHARD, Robin. Age as Another Other: Why I Make Intergenerational Dances. *Em:* MUSIL, Pam; RISNER, Doug; SCHUPP, Karen (Orgs.). *Dancing Across the Lifespan: Negotiating Age, Place, and Purpose*. Cham: Springer International Publishing, 2022. p. 209–224. https://doi.org/10.1007/978-3-030-82866-0_13

RAINER, Yvonne. The aching body in dance. *Em:* NAKAJIMA, Nanako; BRANDSTETTER, Gabriele (Eds.). *The Aging Body in Dance*. 0. ed. [S.l.]: Routledge, 2017. p. 45–48. <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315515335-7/aching-body-dance-yvonne-rainer>

RONCAGLIA, Irina. Retirement as a career transition in ballet dancers. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, v. 6, n. 3, p. 181–193, 2006. <https://doi.org/10.1007%2Fs10775-006-9106-0>

RUDMAN, Debbie. Embodying positive aging and neoliberal rationality: Talking about the aging body within narratives of retirement. *Journal of Aging Studies*, v. 34, p. 10–20, 1 ago. 2015. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2015.03.005>

RUSTAD, Hilde; ENGELSRUD, Gunn Helene. Everybody Can Dance—Except Aging Professional Dancers! A Discussion of the Construction of the Aging Dancing Body in Four Dance Texts. *Frontiers in Sports and Active Living*, v. 4, p. 819572, 25 mar. 2022. <https://doi.org/10.3389/fspor.2022.819572>

SAMUEL, Gerard M. (K)Not In Dance. Em: BURRIDGE, Stephanie; NIELSEN, Charlotte (Orgs.). *Dance On!* 1. ed. London: Routledge, 2023. p. 85–92. <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781003307624-15/dance-gerard-samuel>

SCHMIDT, Mike *et al.* Work-Related Musculoskeletal Disorders of Dance Teachers in Germany: A Retrospective Cross-Sectional Study. *Applied Sciences*, v. 13, n. 3, p. 1454, 2023. <https://doi.org/10.3390%2Fapp13031454>

SCHWAIGER, Liz. Performing One's Age: Cultural Constructions of Aging and Embodiment in Western Theatrical Dancers. *Dance Research Journal*, v. 37, n. 1, p. 107–120, jul. 2005. <https://doi.org/10.1017/S014976770000838X>

SOUTHCOTT, Jane; JOSEPH, Dawn. “If you can breathe, you can dance”: Fine lines contemporary dance for mature bodies in Melbourne, Australia. *Journal of Women & Aging*, v. 32, n. 6, p. 591–610, 2020. <https://doi.org/10.1080%2F08952841.2019.1591890>

SUKHERA, Javeed. Narrative Reviews: Flexible, Rigorous, and Practical. *Journal of Graduate Medical Education*, v. 14, n. 4, p. 414–417, 1 ago. 2022. <https://doi.org/10.4300/JGME-D-22-00480.1>

THOMPSON, Regan. *A fall from grace? : examining retired ballet dancers' experiences with body image and embodiment across the life course*. [S.l.]: University of British Columbia, 2024. <https://doi.org/10.14288/1.0444177>

TOOHEY, Blake; HUTCHINSON, Marie; MOLONEY, Gail. More Than Just Movement: Exploring Embodied Group Synchrony During Seated Dance for Older Adults Living in Residential Aged Care Communities. *Journal of Applied Gerontology*, v. 43, n. 6, p. 657–669, jun. 2024. <https://doi.org/10.1177/07334648231214946>

TURNER, Bryan S.; WAINWRIGHT, Steven P. Corps de ballet: the case of the injured ballet dancer. *Sociology of Health & Illness*, v. 25, n. 4, p. 269–288, maio 2003. <https://doi.org/10.1111/1467-9566.00347>

VELLA-BURROWS, Trish *et al.* “Dance to Health”: an evaluation of health, social and dance interest outcomes of a dance programme for the prevention of falls. *Arts & Health*, v. 13, n. 2, p. 158–172, jun. 2021. <https://doi.org/10.1080%2F17533015.2019.1662461>

WANKE, Eileen M. *et al.* Work related cardiovascular load in professional dance teachers – a pilot study. *Journal of Occupational Medicine and Toxicology*, v. 15, n. 1, p. 7, 23 mar. 2020. <https://doi.org/10.1186/s12995-020-00257-0>

WEINSTOCK, Marybeth. *Women Dancers in Midlife: Coping With the Transition*. Doctoral thesis—USA: California Institute of Integral Studies, 2010.

WESTMAN, Nancy. Age on Stage. *Critical Stages*, n. 20, 1 dez. 2019. <https://www.critical-stages.org/20/age-on-stage/>

WU, Vivien Xi *et al.* Qualitative inquiry of a community dance program for older adults in Singapore. *Nursing & Health Sciences*, v. 25, n. 3, p. 341–353, 2023. <https://doi.org/10.1111/nhs.13032>

Tradução Gabriela Camargo

Revisão: Suzane Weber da Silva

Recebido: 09/04/2026.

Aceito: 22/04/2026.

Aprovado para publicação: 27/04/2026.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International.